


A Ilha de Cecília Meireles

Cecília Meireles' Island

Autoria: Mariana Oliveira

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4322-3576>

 Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2855420063601727>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.194188>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/194188>

Recebido em: 16/01/2022. Aprovado em: 15/05/2022.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira


São Paulo, Ano 11, n. 20, jan.-jul., 2022.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.

Contato: opiniaes@usp.br

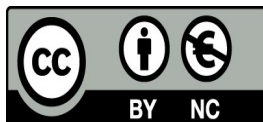
 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/revista.opiniaes)

Como citar (ABNT)

OLIVEIRA, Mariana. A Ilha de Cecília Meireles. *Opiniões*, São Paulo, n. 20, pp. 175-190, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.194188>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/194188>.

Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

a ilha de cecília meireles

Cecília Meireles' Island

Mariana Oliveira¹

University of Wisconsin-Madison – UW-Madison

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2020.194188>

¹ Mariana Oliveira é doutoranda no Department of Spanish and Portuguese da University of Wisconsin-Madison. Uma versão deste artigo foi apresentada no Colóquio Internacional Cecília Meireles: 120 anos (UFMG), em 2021. E-mail: moliveira2@wisc.edu. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4322-3576>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2855420063601727>.

Resumo

A conexão que Cecília Meireles sentia a respeito de seus antepassados açorianos se manifesta em sua obra. O sentimento de camaradagem com o povo açoriano foi instilado em Cecília pela avó que a criou e encorajado pela sua duradoura correspondência com o poeta Armando Côrtes-Rodrigues. A orfandade de Cecília estimulou este impulso em direção à terra de seus antepassados. A poeta teve a oportunidade de conhecer os Açores em 1951, mas as ilhas reais não se alinharam perfeitamente com as ilhas de sua imaginação. Cecília, então, criou uma ilha fictícia perfeita, um local onde ela poderia se exilar: a Ilha do Nanja, descrita em poemas e em crônicas. A Ilha do Nanja é pitoresca e nostálgica. Esta comunicação analisa a metáfora da ilha utópica na obra de Cecília Meireles com o auxílio da teoria das ilhas, que prioriza a experiência de escritores ilhéus. Meireles, natural do Rio de Janeiro, é uma forasteira escrevendo sobre as ilhas. A insularidade em sua obra é imaginária, não vivida. Interrogo se uma autora continental pode fazer parte do cânone insular e exploro a atração transatlântica exercida pelos Açores sobre a poeta.

Palavras-chave

Nissologia. Utopia. Transatlântico. Insularidade.

Abstract

The connection Cecília Meireles felt towards her Azorean ancestors manifests itself in her works. The feeling of connection with the Azorean people was instilled in Cecília by the grandmother who raised her and encouraged by her lasting correspondence with the poet Armando Côrtes-Rodrigues. Cecília's orphanhood fostered this impulse towards the land of her ancestors. The poet had the opportunity to visit the Azores in 1951, but the real islands didn't perfectly align with the islands of her imagination. Cecília, then, created a perfect fictional island, a place where she could exile herself: the Island of Nanja, described in poetry and prose. The Island of Nanja is picturesque and nostalgic. This article analyzes the metaphor of the utopic island in the work of Cecília Meireles with the aid of Island Theory, which prioritizes the experience of island writers. Meireles, born in Rio de Janeiro, is an outsider writing about islands. The insularity in her work is imaginary, not arising from lived experience. This article raises the question of whether a continental writer can be part of the island canon and explores the transatlantic attraction the Azores exerted over the poet.

Keywords

Nissology. Utopia. Transatlantic. Insularity.

Cecília Meireles nasceu após a morte de seu pai e de seus três irmãos, perdeu a mãe aos três anos de idade e foi criada por sua avó, Jacinta Garcia Benevides, natural dos Açores. Jacinta inspirou em sua neta uma curiosidade e um sentimento de ternura a respeito dos Açores. O sentimento de orfandade que permeia a vida e a obra de Cecília a impulsiona em direção à terra de seus antepassados. Esta comunicação explora o relacionamento de Meireles com a ilha de seus antepassados, a Ilha de São Miguel, e com uma ilha utópica inventada por ela: a Ilha do Nanja, presente em poemas e crônicas. Para analisar a conexão de Meireles com a ilha e sua insularidade inventada, eu utilizo o arcabouço teórico dos Estudos das Ilhas e dos Estudos Transatlânticos.

A curiosidade a respeito da Ilha de sua avó, e a respeito dos seus pais e antepassados, conecta a obra de Meireles com os Açores e com Portugal continental. Sobre sua infância, Meireles escreve ao amigo Armando Côrtes-Rodrigues: “Assim, houve uma criança sozinha, com uma avó. E uma Ilha” (MEIRELES, 1998, p.4). Apesar do carinho da avó, poemas como “Memória” (*Vaga Música*) traduzem o sentimento da família ausente. Em “Memória”, o eu lírico descreve uma família que “anda longe”, mas que pode ser vislumbrada em pedras, água, líquens, cílios dentro do oceano, pulsos sobre estrelas, rugas no caminho, nuvens e lesmas (MEIRELES, 2001, pp. 372-373). Em “Mar Absoluto” (*Mar Absoluto e Outros Poemas*), “multidões passadas” empurram o eu lírico em direção ao Mar Absoluto (idem, p. 448). O eu lírico é leal aos antepassados: “Porque não há mais ninguém / não, não haverá mais ninguém / tão decidido a amar e a obedecer os seus mortos” (ibidem).

Na obra de Cecília Meireles coexistem o interesse pela cultura e história brasileiras e pela sua herança portuguesa. Cecília agia como uma corrente transatlântica, conectando Brasil e Portugal. Em 1934, acompanhada pelo marido, o português Fernando Correia Dias, Cecília cruzou o Atlântico pela primeira vez. Esta visita foi realizada a convite de António Ferro, diretor da Secretaria de Propaganda Nacional. A viajante realçava o seu parentesco com a terra de seus antepassados, declarando a jornalistas que tinha vindo visitar a terra de seu marido, mas que também, por descender de portugueses, ela “já era meio portuguesa antes de casar” (apud PIMENTA, 2015, p. 186). A viagem marítima durou 22 dias e foi registrada em crônicas para o jornal *A Nação*, com o título de “Diário de bordo” (TEIXEIRA, 2015, p. 6).

A visita de Meireles a Portugal foi um sucesso. A autora aproveitou a oportunidade para promover a literatura brasileira em Portugal através de uma série de conferências na Universidade de Lisboa, duas das quais foram mais tarde publicadas como ensaios. Um destes ensaios, “Notícia da literatura brasileira,” foi um dos primeiros estudos publicados em Portugal sobre a poesia modernista brasileira (VASCONCELOS, 2010, p. 244).

Embora ainda não tivesse sido reconhecida pela crítica brasileira, Meireles já era considerada escritora de certo peso em Portugal (OLIVEIRA, 2007, p. 187). O crítico português José Osório de Oliveira reclamava para si a honra de ter sido o primeiro a reconhecer Cecília Meireles como uma potência lírica: “E fui eu, de facto, o primeiro a dizer aos brasileiros que tinha surgido uma grande poetisa no Brasil” (apud CRISTÓVÃO, 1978, p. 22). Popular com os portugueses por suas baladas, canções e outras formas líricas antigas, Meireles seria a poeta brasileira de seu tempo mais lida em Portugal (SADLER, 2007, p. 241).

Em 1943, quase dez anos após esta primeira viagem, a antologia *Poetas novos de Portugal*, organizada por Meireles, foi publicada no Rio de Janeiro, desagradando o regime salazarista (GOUVÊA, 2001, p.22). Esta obra ainda é referência em estudos de poesia portuguesa no Brasil (OLIVEIRA, 2007, p. 189). Meireles organizou esta antologia para o "leitor brasileiro privado do contato com a literatura viva de Portugal" (MEIRELES, 1943, p. 17). A autora reflete que o conhecimento da literatura portuguesa era difícil no Brasil, porque os livros portugueses não chegavam até lá, ou porque os poemas eram publicados em revistas que, "efêmeras", se dispersavam (ibidem). Cecília compara o seu esforço de trazer a literatura portuguesa para o Brasil a uma viagem marítima, pedido perdão aos autores por qualquer erro de interpretação, pois "esta é uma das fatalidades do longo Atlântico: trazer até estas plagas, fragmentados em suas ondas, os rostos que desejáramos completos e perfeitos" (idem, p. 53).

No prefácio de *Poetas novos de Portugal*, a autora descreve para o leitor brasileiro as gerações de *Orpheu* e *Presença* (idem, p. 47). A antologia apresenta poemas de Vitorino Nemésio, Armando Côrtes-Rodrigues, Mario de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa, entre outros autores. Com Nemésio e Côrtes-Rodrigues, Meireles compartilhava uma ligação afetiva com os Açores. Cecília explicita a qualidade ilhoa da escrita de Nemésio, escrevendo que a sua "concentrada força quási silenciosa" é "um dom das Ilhas: trabalhando pela solidão da terra que circunda o mal Salgado; senhor de lágrimas que não se deixam transbordar, e da arte de não dizer tudo, porque já se sabe que em redor só há ventos, águas, nevoeiros, - surdos, cegos, dispersos" (idem, p. 48). A poesia de Nemésio, para Meireles, é uma poesia de Ilhas.

Assim como Meireles, Fernando Pessoa é um poeta continental de descendência açoriana. Na época, os poemas de Pessoa ainda não haviam sido reunidos em livros, à exceção de *Mensagem* (1934). A seleção de Meireles demonstra sua familiaridade com a obra avulsa do poeta (OLIVEIRA, 2007, p. 189). Cecília conhecia a obra de Pessoa desde pelo menos 1929, ano em que apresentou a sua tese "O espírito vitorioso", na qual citou a "Ode Triunfal" de Álvaro de Campos (GOUVÊA, 2001, p. 21). Para a autora, a obra mais valiosa de Pessoa se encontrava "inédita e dispersa em revistas" (MEIRELES, 1943, p. 45).

Foi com o poeta açoriano Armando Côrtes-Rodrigues que uma admiração literária mútua se desenvolveu em uma amizade epistolar. Côrtes-Rodrigues e Meireles mantiveram uma correspondência de quase vinte anos, que começou em 1946 e só cessou com a morte da autora, em 1964. Desde o princípio, Cecília manifestou um desejo de visitar o arquipélago dos Açores, afirmando:

Se não for grande cansaça, V. me mostrará essas solidões, essas lagoas, essas fumaças, essas areias pretas (aqui as areias são, no máximo, da minha cor...), esses estorninhos, esses milhafres, as suas igrejas, a sua velhinha que faz presépios, e os barcos, os barcos, os barcos e o mar... (MEIRELES, 1998, p. 68)

Um dos lugares onde podemos encontrar evidências da conexão entre Brasil e Portugal é, de acordo com Tânia Martuscelli, "no terceiro espaço das revistas, jornais e cartas" (MARTUSCELLI, 2016, p. 11). A leitura de cartas "trocadas entre os intelectuais de cá e de lá" proporciona uma visita à história e a

literatura “por meio de seus bastidores” (idem, p. 12). O terceiro espaço é um entrelugar onde se encontram aqueles que historicamente foram considerados “oprimido” e “opressor” (idem, p. 13). O terceiro espaço das cartas entre Meireles e Côrtes-Rodrigues foi um espaço fértil para que a fascinação de Meireles pelos Açores se desenvolvesse.

A correspondência entre os dois poetas era uma corrente transatlântica, possibilitando um intercâmbio cultural entre o Brasil e a Ilha de São Miguel: Meireles pedia que Côrtes-Rodrigues enviasse canções de berço, de roda, parlendas e jogos, deliciando-se ao reconhecer uma quadrinha que sua avó cantava: “Essa quadra coseu muita roupa minha, e é como um objeto familiar que me acompanha” (MEIRELES, 1998, p. 6). Em troca, Meireles prometia enviar ao seu amigo açoriano livros que lhe permitissem montar “uma biblioteca mínima de literatura brasileira” (idem, p. 41).

Nas cartas, Cecília afetuosamente apropria-se da identidade açoriana, escrevendo: “Nós, os açorianos”; “Nós, os das Ilhas” (idem, p. 162). A poeta era afetada pelo conhecimento dos Açores que recebeu de sua avó, muito antes de ter a oportunidade de cruzar o oceano para conhecer a Ilha. Em uma tentativa de desenhar os contornos dos estudos transatlânticos, Laura Stevens se pergunta se a categoria de “transatlântico” deveria apenas compreender figuras e objetos que *cruzam* o oceano, ou se deveria se estender a pessoas que são afetadas pelo conhecimento de terras distantes, ainda que elas não as conheçam pessoalmente (STEVENS, 2004, p. 95).

Meireles se interessou pela cultura açoriana o suficiente para escrever uma conferência a respeito: *Panorama folclórico dos Açores especialmente da Ilha de S. Miguel*. O texto é didático: nele, Meireles registrou a cultura dos Açores que ela conhecia pelas revistas *Açoriana* e *Insulana*, e através da correspondência com Armando Côrtes-Rodrigues (MEIRELES, 1955, p. 6). Meireles agradeceu a contribuição do seu amigo, que ela descreveu como “professor, poeta e dramaturgo” e “folclorista ilustre, conhecedor das tradições da sua terra micalense tanto quanto das demais Ilhas dos Açores” (idem, p. 6). O *Panorama* foi publicado após a visita de Meireles aos Açores (em 1951), mas uma nota de pé de página esclarece que essa conferência foi enviada à Comissão Organizadora das Comemorações do Segundo Centenário da Colonização Açoriana, para o Congresso de Santa Catarina, realizado em 1948 (idem, p. 5). Logo, a conferência foi escrita antes que Meireles tivesse a oportunidade de conhecer a cultura açoriana pessoalmente.

Embora este texto não seja sentimental, a autora deixa claro que o motivo para a sua escrita é em lembrança de seus antepassados açorianos. O texto é escrito com o “carinho que tributamos ao antepassado português” (MEIRELES, 1955, p. 8). A imigração de açorianos ao Brasil foi proeminente a partir do século XVIII, e a imigração de portugueses em geral foi intensa até 1974 (MELLO, 2016, p. 471; ARENAS, 2003, p. xxii). Meireles afirma: “Creio que nós, descendentes de açorianos, devemos lembrar os velhos hábitos familiares trazidos para o Brasil, e celebrar sua fixação no novo ambiente” (MEIRELES, 1955, p. 7).

Comparando cantigas açorianas com seus equivalentes brasileiros, a autora afirma que o rastro descoberto entre elas “pode conduzir-nos ao descobrimento da presença insular em muitos aspectos da nossa formação” (idem, p. 8). O objetivo da conferência é “servir como recordação aos brasileiros de todos os pontos do Brasil onde se fixou gente das Ilhas, para enaltecimento da herança de sensibilidade

recebida desse povo do meio do mar" (idem, p. 104). Para Gouveia, Meireles é um exemplo da dispersão do povo açoriano, mas também de um desejo de unidade e amor às origens (GOUVEIA, 2007, p. 118).

A conexão de Meireles era com a Ilha de São Miguel, nos Açores, mas a Ilha também aparece de maneira não-específica e lírica em sua poesia. A ilha é um dos símbolos da poesia de Cecília; é uma metáfora. O teórico Peter Hay resiste à metaforização das ilhas, considerando metáforas das ilhas como paraísos ou prisões como construções continentais e coloniais (HAY, 2006, p. 29). Uma exceção é concedida aos escritores ilhéus, como o açoriano Vitorino Nemésio e o cabo-verdiano Jorge Barbosa: as metáforas criadas por eles não são "dissociadas do peso das coisas" (HOLM apud HAY, 2006, p. 29). Meireles, apesar de sua uma conexão afetiva com as ilhas, é uma escritora continental.

Elaine Stratford observa que a metáfora tem sido uma ferramenta importante no esforço de revitalizar os estudos das ilhas, mesmo se as metáforas são às vezes problemáticas (STRATFORD, 2017, p. 77). Condenar completamente a metaforização das ilhas seria banir a poesia dos estudos das ilhas, visto que toda a poesia representativa pode ser lida de forma alegórica (CULLER, 1976, p. 177).

As próprias ilhas e arquipélagos são tanto construções culturais quanto fenômenos reais (ROBERTS e STEPHENS, 2017, p. 7). A palavra "arquipélago" vem do italiano "arcipélago" ("arci:" principal; "pélago:" piscina, abismo) (idem, p. 77). A princípio esta palavra foi usada para designar o Mar Egeu, e depois, por metonímia, passou a designar não o mar em si, mas as ilhas cercadas por ele (ibidem). Na própria existência de arquipélagos existe uma tensão entre o metafórico e o real (idem, p. 7).

De acordo com Lyn Innes, o cânone literário das ilhas é insular, definido pelos limites da ilha e restrito àqueles que "pertencem" aos seus confins (INNES, 2011, p. 190). No entanto, Innes vê três grandes limitações nesta definição de cânone: ela nega as realidades complexas das histórias literárias; ela não reconhece a complexidade de textos literários pós-coloniais; e ela impõe limites na maneira em que lemos e analisamos estes textos (idem, p. 191). A estudiosa argumenta que nossas histórias literárias nacionais precisam de se tornar menos insulares e autocontidas (idem, p. 191).

Para Gouveia, um aspecto a ser sublinhado na obra ceciliana é "a atenção dada à circunstância do ser-se ilhéu" (GOUVEIA, 2001, p. 101). A estudiosa contrasta dois tipos de insularidade: a insularidade física dos ilhéus, e a insularidade como isolamento interior (idem, p. 107). A segunda insularidade é o caso de Meireles que, "não tendo a experiência da insularidade" física, "a intuiu e respeitou por ser descendente de açorianos" (ibidem). Mesmo sem ter uma experiência insular comparável a de açorianos como Vitorino Nemésio e Armando Côrtes-Rodrigues, a poeta inventa uma insularidade poética peculiar à sua obra (idem, pp. 98; 103). Esta insularidade é intimista e instintiva (idem, pp. 142-143).

O poeta que experimenta a insularidade física é "*o poeta de uma ilha*"; já Meireles, com sua insularidade interiorizada, é "*a poeta-ilha*" (idem, p. 113). Carvalho escreve algo semelhante ao identificar a Açorianidade, conceito desenvolvido por Vitorino Nemésio, na poesia da brasileira Meireles: "Afinal de contas não se pode fugir ao Destino, e o destino de todo açoriano ou mesmo de quem dele descende, como Cecília Meireles, é de trazer dentro de si o mar oceânico

e nos olhos brumosos a imagem sagrada da terra natal!” (CARVALHO, 1947, p. 15).

No poema “19” de *Morena, pena de amor* o eu lírico descreve a sua origem como sendo, se não exatamente de uma ilha, adjacente à ilha:

Das águas sou filha:
nasci de um beijo de espuma
em redor de alguma
silenciosa ilha.
(MEIRELES, 2001, p. 178)

A condição próxima à ilha é associada ao isolamento, causado pelo mar, que rodeia o eu lírico “por todos os lados”; paradoxalmente, neste poema o mar é uma presença positiva e uma fonte de comunicação, deixando recados “escritos na areia” (ibidem).

No poema que começa com “Para pensar em ti todas as horas fogem” (*Solombra*), o eu lírico afirma que “Tudo são praias onde o mar afoga o amor” (MEIRELES, 2001, p. 1266). Neste poema sobre o tempo, o eu lírico gostaria de transcender o “instante” em que habita – e este “instante” é o seu “domínio triste! - / ilha onde eu mesma nada sei fazer por mim” (ibidem). A ilha, neste caso, é uma metáfora para os limites de um instante, e o seu isolamento.

A palavra utilizada por Meireles para se referir ao isolamento das ilhas é “solidão”, que é associada ao mar. Na conferência *Panorama folclórico dos Açores especialmente da Ilha de S. Miguel*, a autora cita o isolamento como uma das características da cultura açoriana. Meireles evoca o colonizador açoriano, observando que suas virtudes são mal conhecidas “pelo seu natural isolamento geográfico”; a autora esclarece que os açorianos se diferem dos portugueses do Continente “em muitos pontos” (MEIRELES, 1955, p. 6). O isolamento também é descrito como um confinamento, mas com a característica positiva de preservar a cultura e reforçar a personalidade dos ilhéus: “A própria natureza, confinando-o, ensina ao ilhéu sobriedade, resistência e fê...” (idem, p. 16). Meireles acredita que o isolamento seja o motivo pelo qual certos “arcaísmos” tenham sido preservados nas Ilhas, onde algumas expressões dos séculos XV e XVI continuam em vigência. O isolamento é associado à solidão, que, embora pudesse deprimir os ilhéus, acaba deixando-os mais fortes (ibidem).

Em sua viagem de navio a Portugal, Meireles escreveu a respeito das Ilhas que viu de passagem, como a ilha brasileira de Fernando de Noronha, e as Ilhas de Maio e de Boa Vista, do arquipélago de Cabo Verde. Embora Fernando de Noronha seja linda de se ver, a viajante reflete que se ela tivesse que morar lá a beleza da paisagem seria afetada pelo isolamento: “No entanto... – se eu agora descesse deste navio, para aqui ficar indeterminadamente... perderia talvez este encanto pela paisagem, sentindo apenas a distância, acumulando silêncios... Tanto tempo daqui até a vida verdadeira!” (MEIRELES, 2015, p. 99).

O isolamento do ilhéu é causado pelo mar: “O Atlântico envolve tudo. Assim na vida do ilhéu: o mar é quase o verdadeiro cenário” (MEIRELES, 1955, p. 8). O mar é descrito como uma presença ameaçadora na vida do ilhéu: ele pode levar seus parentes embora, pelo naufrágio ou pela migração (ibidem). O açoriano encontra-se em um entre-lugar, “entre céu e água” (idem, p. 10).

Roberts e Stephens consideram a definição de “insular” do *Oxford American Dictionary* (“cut off from intercourse with other nations, isolated; self-contained; narrow or prejudiced in feelings, ideas, or manners”) como uma violência epistêmica, por inserir juízos de valor em uma definição geográfica que deveria ser neutra (ROBERTS e STEPHENS, 2017, p. 7). Os autores recomendam uma nova definição crítica de insular, que significa “interconexão” (ibidem). Como contraste, o *Dicionário Priberam* define “insular” como “relativo a ilha; próprio de ilha”.²

Uma metáfora mais apropriada para as ilhas seria a de um sistema de arquipélagos, considerando os relacionamentos das ilhas com outras ilhas, com o mar e com o continente (DELOUGHREY apud STRATFORD, 2017, p. 80). Para o escritor Epele Hau’ofa, as ilhas são ligadas por redes de conexões (HAU’OFA apud GOLDIE, 2011, p. 8). O escritor cubano Antonio Benítez-Rojo observa que a insularidade das Antilhas encoraja não o isolamento, mas sim as viagens e explorações (BENÍTEZ-ROJO apud MCCUSKER, 2011, p. 43). O próprio mar, às vezes isolador, pode servir como um canal que facilita o movimento e o intercâmbio entre povos e culturas (MCCUSKER e SOARES, 2011, p. xii). Scott Fitzpatrick escreve que, ao contrário do que muitos imaginam, as separações entre as ilhas encorajam conexões (FITZPATRICK apud GOLDIE, 2011, p. 9).

É exatamente isso que a literatura de Meireles faz, ainda que a poeta em si não seja ilha: ela cria conexões entre a ilha e o continente, entre os Açores, Portugal e o Brasil. Pedro Bloch entrevistou Cecília Meireles em 1964, meses antes da morte da poeta. Ao observá-la, ele pondera que Cecília é uma ilha, mas uma “ilha cercada de pontes por todos os lados. Pontes para a ternura, pontes para a poesia, pontes para alma de cada um” (BLOCH, 1989, p. 35). A ponte e a corrente transatlântica são metáforas para expressar o papel de Meireles de conectora entre Brasil e Portugal.

A tão sonhada viagem aos Açores se concretizou em 1951, quando Cecília tinha cinquenta anos de idade. Após visitar a Ilha de São Miguel, a ilha das histórias da sua infância e de seus antepassados, Cecília parece ter ficado desapontada. Antes de partir para os Açores, ela escreve uma carta a Côrtes-Rodrigues declarando-se “um pouco apreensiva” com a ideia de ser recebida no Palácio, pois ela pretendia “ser vista apenas por meia dúzia de pessoas, e andar incógnita por essa Ilha, a recolher emoções para sonhar mais” (MEIRELES, 1998, p. 204). A carta tem um tom de apelo: “Diga-me, com urgência, se é possível ou não estar incógnita dez dias em S. Miguel. – V. e a M.^a Ernestina poderiam tomar conta de mim, como aqui [em Lisboa] fazem a Eva e o Diogo” (ibidem).

Este pedido de privacidade está presente na maneira que Cecília fala da viagem ao longo dos anos: em 1947, ela escrevia para Côrtes-Rodrigues que, se fosse aos Açores, só ele saberia, e que ela não queria festas nem discursos (MEIRELES, 1998, p. 142). Às vésperas da visita, Cecília apela para o seu amigo: “a hospedagem oficial assusta-me muito, – e a perspectiva de qualquer discurso destrói todos os meus sonhos açorianos” (MEIRELES, 1998, p. 204). A viajante, tão acostumada ao papel de embaixadora cultural, desejava que esta viagem fosse íntima; mas Côrtes-Rodrigues a envolveu em eventos oficiais que parecem tê-la deixado desconfortável.

² “Insular”. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (online), 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/insular>. Acesso em: 20 jun. 2022.

Armando Côrtes-Rodrigues aparentemente percebeu esta decepção, pois em 1953, Cecília lhe escreve: “Limpe seu coração dessa amargura! Como podia eu ficar desencantada?” (MEIRELES, 1998, p. 215). A autora sugere que ela estava feliz, mas como é “inexpressiva” os outros não percebem os seus sentimentos (ibidem). E de fato, segundo J. de Almeida Pavão, que fez parte da sua comitiva de recepção, os açorianos que a receberam ficaram desapontados com o seu “retraimento espontâneo”, considerado por eles “um tanto frio e quase agressivo” (PAVÃO, 1998, p. 307).

Embora a visita não tenha sido perfeita, Meireles reafirma o seu sentimento de parentesco e familiaridade com a Ilha: “Aliás, a Ilha, para mim, não foi surpresa. Isso é o mais curioso da viagem, o que torna difícil qualquer página sensacional! Toda essa gente existiu sempre *comigo*. A paisagem é como se fosse a do meu quintal, na infância...” (MEIRELES, 1998, p. 211). Em 1953, Côrtes-Rodrigues envia para Cecília o livro *Horto fechado e outros poemas*, que contém o poema “Retrato”, dedicado à amiga brasileira (idem, p. 215). Cecília pergunta se o “retrato” seria dela ou do autor; “Se é meu, está bem parecido” (idem, p. 215). O estribilho do poema, repetido três vezes, é “No fundo, mágoa” (CÔRTESE-RODRIGUES apud SACHET, 1998, p. 296). Meireles emenda: “‘No fundo, mágoa,’ isto é, a Ilha” (MEIRELES, 1998, p. 215).

Uma segunda viagem às Ilhas foi sugerida nas cartas ao longo dos anos, mas Cecília Meireles nunca retornou. A autora prometeu a Côrtes-Rodrigues que escreveria crônicas sobre os seus dez dias nas Ilhas, como ela havia feito com outras viagens, mas estas crônicas não parecem ter se concretizado. O que Meireles com certeza escreveu foram crônicas sobre a imaginária Ilha do Nanja, uma versão onírica e pessoal da Ilha de S. Miguel (MEIRELES, 1998, pp. 216; 232-233). Esta Ilha, grafada com letra maiúscula, tem um valor arquetípico, singular, e uma aura mística (GOUVEIA, 2007, p. 117).

Em um discurso feito no aeroporto, ao chegar em São Miguel, Meireles declara: “Se me perguntarem o que me traz aos Açores, posso apenas responder: a minha infância” (idem, p. 97). Após mencionar cantigas e histórias açorianas ensinadas a ela pela avó, Meireles completa: “Minha vinda a estas ilhas é como um regresso, uma visita familiar, um acto de ternura” (ibidem). No entanto, a viagem não era um regresso; essa era a primeira e única vez que Cecília visitaria a Ilha de sua avó. Gouveia pondera que o regresso de Cecília não era a uma ilha concreta, mas sim a uma ilha imaginada na infância (idem, p. 109). A disparidade entre a ilha imaginada e a ilha concreta pode, em parte, explicar a decepção de Meireles com sua visita: a ilha da sua infância era não a Ilha de São Miguel, mas a Ilha do Nanja.

A Ilha do Nanja era uma fuga, *à lá* Pasárgada, de um mundo que oprimia Cecília. A autora descreve a Ilha do Nanja como um “lugar ideal”, um “lugar preferido”: “todos nós devemos ter um lugar preferido, para a hipótese do ostracismo, ou apenas para morrer bem” (MEIRELES, 1998, p. 233). A Ilha do Nanja é um lugar onde Cecília não se sentiria em exílio; mesmo antes de visitar a Ilha de S. Miguel, ela suspeitava que não pertenceria lá: “Aqui [no Brasil] não me entendem bem, sempre me acharam estranha, quase intrusa. E aí [nos Açores], como me achariam? O mesmo. Eu sou criatura de exílio. De todos os exílios” (ibidem).

O sentimento de que há um lugar onde o eu lírico pertence, e o desejo de alcançá-lo, é retratado no poema “Desejo de Regresso” (*Mar Absoluto e Outros Poemas*). Na primeira estrofe, o eu lírico implora:

Deixai-me nascer de novo
nunca mais em terra estranha
mas no meio do meu povo,
com meu céu, minha montanha,
meu mar e minha família
(MEIRELES, 2001, pp. 471-472)

Laura Beatriz Fonseca de Almeida escreve que “Cecília mostra-se em comunhão ao estado de espírito comum aos poetas de sua geração, manifestando o desejo de partir, de abandonar a realidade em que se está (de ir-se embora para Pasárgada, como cantou Manuel Bandeira)” (ALMEIDA, 2001/2002, p. 54).

Em 1962, Meireles conta a Armando Côrtes-Rodrigues que tem escrito crônicas para um programa da Rádio Ministério da Educação sobre a Ilha do Nanja, “uma mistura de S. Miguel com os meus sonhos” (MEIRELES, 1998, p. 232). Cecília Meireles escreveu crônicas sobre a fictícia Ilha do Nanja para programas radiofônicos entre os anos de 1961 e 1963 (DAMASCENO, 1976, p. 7). A descrição da ilha em “Férias na Ilha no Nanja” realça a sua conexão com São Miguel: ela tem “termas ao ar livre, com emanações vulcânicas a subirem do chão” (MEIRELES, 1980, p. 27). A autora comenta a respeito destas crônicas, realçando o aspecto fantasioso da Ilha: “Não serve nem como geografia nem como história, mas dá-me grande consolo, neste turbilhão” (MEIRELES, 1998, p. 232).

Segundo Gouveia, a ilha na obra de Cecília Meireles é mítica e abstrata, uma “ilha de nenhures”: a Ilha do Nanja (GOUVEIA, 2001, p. 107). A Ilha do Nanja é a própria essência de ser ilha, “de viver no isolamento da sua própria interioridade” (idem, p. 108). Gouveia pondera que, se tivéssemos que localizar a Ilha do Nanja, a encontraríamos não nos Açores, mas sim no “mar interior” da poeta (ibidem). O português José Osório de Oliveira havia observado, anos antes, que o país em que vive o espírito de Cecília Meireles não existia em parte alguma, era um país de sonho: “Tudo nos poemas de *Nunca mais*...pertence a outro mundo, que só ela sabe onde fica. Nem ela, talvez” (OSÓRIO apud GOUVÊA, 2008, p. 59).

A Ilha do Nanja faz parte de uma longa tradição de ilhas utópicas, começando pela própria Utopia de Thomas Morus e passando pela Ilha dos Amores de Camões. As ilhas utópicas são retratadas como paraísos físicos ou como paraísos políticos escreve Siobhán Parkinson em “From Utopia to Terabithia: Island Literature as Edenic Fantasy” (PARKINSON, 2006, p. 163). A Ilha do Nanja, como uma fantasia pessoal, tem um apelo diferente. Ela segue um conceito fantástico de uma ilha como um lugar idílico, física e metaforicamente separado do resto do mundo (idem). Tom Moylan explica que as utopias são lugares fechados, impermeáveis a influências exteriores, e localizados “elsewhere”, em outro lugar (MOYLAN apud MACKENZIE, 2013, p. 200). A utopia é uma forma literária que se encaixa bem em momentos de rápidas mudanças sociais e incerteza (ibidem).

A Ilha do Nanja é isolada, em contraste com o movimento conector de Meireles entre Brasil e Portugal. Na crônica “A Ilha do Nanja”, a autora declara posse da Ilha, e a caracteriza como fantástica e solitária: “É um grande consolo

possuir-se a Ilha do Nanja, uma ilha que não se vê no mapa, mas que descansa tranquilamente no meio do oceano, do vasto oceano das solidões” (MEIRELES, 1976, p. 108). O vocabulário de posse da Ilha é interessante, pois a autora não é nativa desta Ilha fictícia. Em paralelo com a Ilha de S. Miguel, Cecília declara ter visitado a Ilha do Nanja apenas uma vez, mas a reivindica como “totalmente” sua, por herança: “herança obscura, propriedade remota, inalienável, usufruto de outros, que a julgam sua, que não sabem da minha pessoa nem dos meus títulos” (ibidem). Em sua visita, os habitantes nativos mostram a Ilha à estrangeira, sem perceberem que “se encontravam diante da pessoa a quem tudo aquilo pertencia” (ibidem, p. 108).

Essa presunção de posse da Ilha imaginária reflete uma atitude continental que vê ilhas como propriedade (MCCUSCKER e SOARES, 2011, p. xi). Na Ilha do Nanja, onde ela é a proprietária e uma visitante, a autora quebra a dualidade da autopercepção, de acordo com a qual cada pessoa se identifica como cidadã ou estrangeira, a visitante ou a visitada, a pessoa que parte ou que fica, a conquistadora ou a conquistada (GLISSANT, 1997, p. 17).

A autora admite que é difícil definir a sua Ilha: “Tudo isso é a Ilha do Nanja: mas a Ilha do Nanja não é nada disso. É muito difícil explicá-la, pois certamente ela é o que não é; a sua beleza não está no que se vê, nem sua riqueza depende do que suas terras e águas possam produzir” (MEIRELES, 1976, p. 108). Esta negativa está no nome da Ilha: em *Panorama Folclórico dos Açores especialmente da Ilha de S. Miguel* “nanja” está registrado como uma expressão típica para negativa nos Açores (MEIRELES, 1955, p. 82). A Ilha do Nanja é a “Ilha do que não vai acontecer, ou do que demora...” (MEIRELES, 1976, p. 109).

Em “Pastoral V” (*Poemas de Viagem*), o eu lírico situa a Ilha do Nanja em um mapa real e declara seu afeto e sua posse dela: “Na Ilha que eu amo, / na Ilha do Nanja, que eu tenho no meio do Atlântico” (MEIRELES, 2001, p. 1407). A descrição da Ilha revela ecos da Pasárgada de Manuel Bandeira: na Ilha há “veredas de hortênsia”, “lagos de duas cores”, “nascentes de água fria, morna e quente” (ibidem). A Ilha é descrita como doce e associada a frutas: “Doce Ilha que foi de laranjas / e hoje é de ananases!” (ibidem).

O eu lírico estabelece seu parentesco com a Ilha, que passa então a ser sua herança: os “[r]obustos homens” que trabalham “devem ser meus parentes” (ibidem). Os habitantes da Ilha cumprem papéis tradicionais e rurais: enquanto as mulheres “tecem panos” e “enrolam novelas”, os homens “cozinham sua louça” em fornos, ou transportam a mercadoria (que não deixa de ser lírica: “cestos e cestos de silêncio”) em “carros e carros de solidão” (idem, p. 1408). O eu lírico também menciona o isolamento imposto pelo oceano: “Porque a Ilha está pousada em fogo, / cercada de oceano, / e seu limite mais firme é o inconstante céu” (idem, p. 1407).

Em “Saudades da Ilha do Nanja”, a autora interroga o seu desejo de se exilar nesta Ilha. Este desejo de exílio parece paralelo ao desgosto pelo Brasil expressado em uma carta de 1962: “Esta minha terra traz-me mergulhada em desilusões e, ultimamente, até em náusea. A Ilha do Nanja era o lugar ideal para sentar-me numa pedra e com a lira nas mãos e as lágrimas nos olhos pôr-me ‘a cantar minha pena’” (MEIRELES, 1998, p. 233). Na crônica, a narradora reflete: “Não sei o que se passou para que a Ilha do Nanja começasse a chamar por mim com tanta veemência. Ou eu por ela... Que terríveis coisas se me têm feito presentes, para que a Ilha do Nanja chegue a parecer um exílio feliz?” (MEIRELES,

1976, p. 114). Este desejo de exílio é justaposto à atitude anterior da viajante em relação à Ilha: antigamente, ela não pensava na Ilha com “esta saudade de agora”: “Antigamente, a Ilha do Nanja, de minha absoluta propriedade poética, era um retiro apenas sentimental para alguma tarde ociosa” (idem, p. 113). A Ilha do Nanja era um paraíso, “lugar sem melancolia nem inquietação”, “uma taça de flores no Atlântico” – mas a autora não costumava sentir esta atração em relação a Ilha. (idem, p. 114). Em “Férias na Ilha do Nanja”, ela desabafa: “Eu vou para a Ilha do Nanja para sair daqui” (MEIRELES, 1980, p. 27).

A solidão é o que atrai a autora à Ilha. A “pobre gente pitoresca” da Ilha, tão entretida com sua própria vida, não prestará atenção alguma à recém-chegada: “Tão distraídos com sua tarefa de existir, não me perguntarão o que vou fazer por lá. Creio que nem perceberão que cheguei. E isso é o que mais desejo” (MEIRELES, 1976, p. 114). Apesar destas pessoas, a Ilha do Nanja é descrita de uma maneira similar à uma Ilha deserta: a autora pretende trocar as pessoas de sua terra natal, “tão pobres de inspiração, tão desumanas e ferozes” pelas pedras e pelas “águas amargas que circulam pelo chão de enxofre” da Ilha (ibidem). A solidão desejada será atingida através do isolamento na Ilha, e finalmente a autora encontrará a paz: “Com os muros do mar por todos os lados, voltarei a contemplar as estrelas antigas, do tempo em que ainda não tinham nome” (ibidem).

De maneira semelhante, ao contemplar as ilhas do arquipélago de Cabo Verde em *Diário de bordo*, a viajante discorre sobre as ilhas desertas, ainda que as ilhas em sua frente sejam habitadas. Mesmo a vista de um “provável agrupamento de casas” não é o suficiente para apagar a metáfora de uma ilha que a poeta preferiria que fosse deserta: as casas são “[p]equena coisa insignificante na extensão da ilha solitária. Notícia, unicamente, de que pode existir aí sofrimento – quando podiam deixá-la até o fim, com seus vales e cimos de pedra, como um suspiro da terra libertada do peso humano” (MEIRELES, 2015, p. 129). Uma das metáforas mais marcantes em relação às ilhas é justamente a da ilha deserta (STRATFORD, 2017, p. 77).

Duas forças atuantes na escrita de Meireles são o desejo de viajar e o desejo de solidão na Ilha do Nanja. Em um estudo sobre o conto açoriano, Mónica Maria Serpa Cabral comenta uma característica dos escritos de ilhéus que pode iluminar estas duas forças. Para Cabral, a ilha gera “devaneios de extroversão”, que levam ao desejo de partida, e “devaneios de introversão”, que despertam “o desejo de intimidade” e ativam “uma psicologia do ser em direção ao encolhimento, às raízes” (CABRAL apud MELLO, p. 477).

Segundo Alfredo Bosi, quando perguntaram à Cecília Meireles qual era o seu maior defeito, ela respondeu: “uma certa ausência do mundo” (BOSI, 2007, p. 13). No âmago da Ilha do Nanja, está o desejo de ausentar-se do mundo, de trocar o Brasil e até a Ilha de São Miguel por um “não-lugar”. A solidão e o isolamento, parte da experiência dos ilhéus, atraem Cecília para a Ilha. Quando uma insularidade real não bastou, a autora recorreu a uma insularidade utópica e inventada; a Ilha do Nanja chamava por ela.

referências bibliográficas

ALMEIDA, Laura Beatriz Fonseca de. Pelo mar absoluto, navegam os versos de Cecília Meireles. *Revista de Letras*, São Paulo, v. 41/42, pp. 53-71, 2001/2002. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27666755>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ARENAS, Fernando. *Utopias of Otherness, Nationhood and Subjectivity in Portugal and Brazil*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. In: *Pedro Bloch entrevista; Vida, pensamento e obra de grandes vultos da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., pp. 31-37, 1989.

BOSI, Alfredo; GOUVÊA, Leila V.B. (org). Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: *Ensaaios sobre Cecília Meireles*, São Paulo: Humanitas, Fapesp, pp. 13-32, 2007.

CARVALHO, Rui Galvão de. A açorianidade na poesia de Cecília Meireles. *Ocidente*, Lisboa, n. 113, pp. 8-15, set., 1947.

CORREIA DIAS, Fernando; MEIRELES, Cecília; ALVES, Jefferson L. (org). *Diário de bordo*. São Paulo: Global, 2015, pp. 169-190.

CRISTÓVÃO, Fernando. Compreensão portuguesa de Cecília Meireles. Fundação Calouste Gulbenkian, *Colóquio Letras*, n. 46, pp. 20-27, nov., 1978.

CULLER, Jonathan D. *Structuralist Poetics: Structuralism, Linguistics, and the Study of Literature*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1976.

DAMASCENO, Darcy. *Cecília Meireles: o mundo contemplado*. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967.

GLISSANT, Édouard. *Poetics of Relation*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1997.

GOLDIE, Matthew Boyd. Island theory; The antipodes. *Islanded Identities*, Amsterdam / New York / Rodopi, pp. 1-30, 2011.

GOUVÊA, Leila. *Cecília em Portugal: ensaio biográfico sobre a presença de Cecília Meireles na terra de Camões, Antero e Pessoa*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2001.

GOUVÊA, Leila. *Pensamento e “lirismo puro” na poesia de Cecília Meireles*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GOUVEIA, Margarida Maia; GOUVÊA, Leila V.B. (org). As viagens de Cecília Meireles. In: *Ensaaios sobre Cecília Meireles*, São Paulo: Humanitas, Fapesp, pp. 111-127, 2007.

GOUVEIA, Margarida Maia; GOUVÊA, Leila V.B. *Vitorino Nemésio e Cecília Meireles; A ilha ancestral*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 2001.

HAY, Peter. A Phenomenology of Islands. *Island Studies Journal*, Faroe Islands, v. 1, n. 1, pp. 19-42, 2006. Disponível em: <https://islandstudiesjournal.org/files/ISJ-1-1-2006-Hay-pp19-42.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2021.

INNES, Lyn. “No Man is an Island” – National Literary Canons, Writers, and Readers. *Islanded Identities*, Amsterdam/New York / Rodopi, pp. 189-206, 2011.

INSULAR. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (online). Disponível em: dicionario.priberam.org/insular. Acesso em: 20 jun. 2022.

MACKENZIE, Gary. Utopias, Miniature Worlds and Global Networks in Modern Scottish Island Poetry. *Green Letters: Studies in Ecocriticism*, vol.17, n. 3, pp. 200-210, 2013.

MARTUSCELLI, Tania. *[Des]conexões entre Portugal e o Brasil; Séculos XIX e XX*. Lisboa: Edições Colibri, 2016.

MCCUSKER, Maeve; SOARES, Anthony. Islanded Identities – Constructions of Postcolonial Cultural Insularity. *Islanded Identities*, Amsterdam/New York / Rodopi, pp. xi- xxiv, 2011.

MCCUSKER, Maeve. Writing Against the Tide? Patrick Chamoiseau's (Is)land Imaginary. *Islanded Identities*, Amsterdam/New York / Rodopi, pp. 41-61, 2011.

MEIRELES, Cecília. SACHET, Celestino (org.). *A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

MEIRELES, Cecília. *O que se diz e o que se entende*. MEYER, Gustavo; FONTES, Gilson Vaz (org.). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

MEIRELES, Cecília. *Ilusões do mundo (crônicas)*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1976.

MEIRELES, Cecília. *Poetas novos de Portugal*. Rio de Janeiro, Dois Mundos Editora, 1943.

MEIRELES, Cecília. *Panorama folclórico dos Açores especialmente da Ilha de S. Miguel*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1955.

MEIRELES, Cecília. SECCHIN, Antonio Carlos (org.). *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Memory and Imaginary: the Azorean Heritage in Cecília Meireles' Writings. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, pp. 470-486, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/alea/a/fnLhRT3wxBJ4qgGJ3VCHjsC/?lang=ptc>. Acesso em: 10 dez. 2021.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de; GOUVÊA, Leila V.B. (org.). “Diálogo com a tradição portuguesa.” In: *Ensaio sobre Cecília Meireles*, São Paulo: Humanitas, Fapesp, pp. 187-200, 2007.

SADLER, Darlene. ABC de Cecília Meireles. In: *Ensaio sobre Cecília Meireles*, São Paulo: Humanitas, Fapesp, pp. 249-261, 2007.

STEVENS, Laura. Transatlanticism Now. *American Literary History*, Oxford, v. 16, n. 1, pp. 93-102, 2004.

STRATFORD, Elaine. Imagining the Archipelago. *Archipelagic American Studies*, Durham, Duke University Press, pp.74-87, 2017.

PARKINSON, Siobhàn. From Utopia to Terabithia: Island Literature as Edenic Fantasy. *Treasure Islands: Studies in Children's Literature*, Baltimore, pp. 162-171, 2006.

PAVÃO, J. de Almeida. O portuguesismo de Cecília Meireles e os Açores. *A lição do poema: cartas de Cecília Meireles a Armando Côrtes-Rodrigues*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.

PIMENTA, Jussara. Posfácio. In: CORREIA DIAS, Fernando; MEIRELES, Cecília; ALVES, Jefferson L. (org). *Diário de bordo*. São Paulo: Global, pp. 169-190, 2015.

ROBERTS, Brian Russel; STEPHENS, Michelle Ann. Introduction: Archipelagic American Studies: Decontinentalizing the Study of American Culture. *Archipelagic American Studies*, Durham, Duke University Press, pp. 1-37, 2017.

TEIXEIRA, Alexandre C. Introdução. IN: CORREIA DIAS, Fernando; MEIRELES, Cecília; ALVES, Jefferson L. (org). *Diário de bordo*. São Paulo: Global, pp. 5-6, 2015.

VASCONCELOS, Ricardo. Quem tem medo de antologias? Antologias de poesia portuguesa e brasileira do século XX no meio literário português. Tese (Doutorado em Hispanic Languages and Literatures) – University of California, Santa Barbara, 2010.